

EXPANSÃO DA PRODUÇÃO DE AVES NO PARANÁ E A SUBORDINAÇÃO DE PEQUENOS PROPRIETÁRIOS DE TERRAS ÀS AGROINDÚSTRIAS AVÍCOLASⁱ

Expansion of poultry production in Paraná and the subordination of small landowners to agro-industries poultry

Expansión de la producción de aves en Paraná y la subordinación de pequeños propietarios de tierras a las agroindustrias avícolas

Léia Aparecida Veigaⁱⁱ
Universidade Estadual de Maringá

Alan Alves Alieviⁱⁱⁱ
Universidade Estadual de Londrina

Resumo

Nas últimas décadas, verifica-se no Brasil, e em especial no Paraná, que a cadeia produtiva de carne de frango vem passando por grandes transformações que têm resultado na reorganização do processo produtivo, aumento da produtividade e qualidade dos produtos, assim como na diversificação da abrangência de seu mercado consumidor. Os números expressivos do setor avícola paranaense, assim como dos demais estados, são reflexos do contínuo aprimoramento técnico para criação de frangos, assim como das alterações sucessivas na relação social de subordinação dos criadores às agroindústrias, viabilizada, dentre outros, pela adoção do sistema integrado de produção. Objetivou-se com o presente estudo refletir acerca da subordinação dos pequenos proprietários de terras às agroindústrias, seja no sistema de integração com pequenos proprietários, seja mesclando dois processos diferentes (integração e produção em aviários próprios). As avícolas, por meio do sistema de integração, têm subordinado a produção à circulação e nesse processo de subordinação da mão-de-obra familiar vai monopolizando o território. Porém, ao introduzir, paralelo ao sistema de integração, a produção em aviários próprios da empresa, a ação desses capitalistas vai além da monopolização do território, posto que os mesmos estejam sinalizando para a territorialização do capital.

Palavras-chave: agroindústrias avícolas; pequenos produtores; relação social de produção.

Abstract

In recent decades, there is in Brazil, especially in Parana, the production chain of chicken meat has been undergoing major changes that have resulted in the reorganization of the production process, increasing productivity and product quality as well as diversification the scope of its consumer market. The significant numbers of the poultry sector in Paraná, as well as in other states, are reflections of the continuous technical improvement for chicken farming, as well as the successive changes in the social relation of subordination of the creators with the agro-industries, made possible, among others, the adoption of the integrated system production. The objective of this study reflect on the subordination of small landowners to agro-industries, is the system integration with smallholders, is merging two different processes (integration and poultry production in themselves). The poultry through integration system, has subordinated the production to the circulation and in this process of subordination of family labor will monopolize the territory. However, by introducing parallel to the integration system, the production company owned in aviaries, such action goes beyond the capitalist monopolization of territory, since they are signaling to the territorial capital.

Keywords: agro-industries poultry; small producers; social relation of production.

Resumen

En las últimas décadas, se verifica en Brasil, y en particular en Paraná, que la cadena de producción de carne de pollo ha venido atravesando grandes transformaciones que tienen resultado en la reorganización del proceso productivo, aumento de productividad y cualidad de productos, así como la diversificación del alcance de su mercado consumidor. Los números expresivos del sector avícola del Paraná, así como de los otros estados, son reflejos de la mejora técnica continua para la cría de pollos, así como de las alteraciones sucesivas en la relación social de subordinación de los criadores a las agroindustrias, hecha posible, entre otras cosas, por la adopción del sistema integrado de producción. El objetivo de este estudio es hacer una reflexión sobre la subordinación de los pequeños propietarios de tierra a las agroindustrias, sea en el sistema de integración con pequeños propietarios, sea mezclando dos procesos diferentes (integración y producción en aviarios propios). Las avícolas, por medio del sistema de integración, han subordinado la producción a la circulación y en ese proceso de subordinación del trabajo familiar, monopolizando el territorio. Sin embargo, mediante la introducción, en paralelo al sistema de integración, de la producción en aviarios propios de la empresa, la acción de estos capitalistas va más allá de la monopolización del territorio, una vez que ellos están señalizando para la territorialización del capital.

Palabras clave: agroindustrias avícolas; pequeños productores; relación social de producción.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a cadeia produtiva de carne de frango tem passado por grandes transformações, devido à abertura da economia brasileira ao comércio internacional, à estabilização da economia e às grandes mudanças tecnológicas inseridas na cadeia, resultando assim, em uma reorganização no processo produtivo, o qual passa a competir com padrões internacionais, tornando-se cada vez mais eficiente, tanto no aumento da sua produtividade como na qualidade do produto.

O setor brasileiro de avicultura nos últimos vinte e cinco anos vem obtendo crescimento, desenvolvimento e consolidação de uma estrutura integrada que abrange desde o cultivo até a transformação de grãos, alojamento de matrizes e pintainhos, o abate de aves, o transporte e estocagem, o melhoramento da genética, entre outros. Além de toda estrutura produtiva, o setor vem passando por mudanças relativas à abrangência de seu mercado consumidor, que tornou-se diversificado e não mais restrito somente ao consumo interno, conforme verifica-se na tabela 01, que expressa o crescimento significativo da produção de carne de frango e da quantidade de carne exportada nos últimos quatro anos, números esses que tem elevado a carne de frango ao grupo dos produtos mais importantes para o aumento da

balança comercial brasileira.

Paralelo ao aumento da produção e exportação também ocorreu no mercado interno a crescente procura e consumo de carne de frango, que tem a seu favor, dentre outros fatores, o preço, principalmente quando comparada a carne bovina, resultado de uma diferença de preço igual ou superior 100% dependendo da peça/corte. Em termos percentuais, o consumo interno de carne de frango no território brasileiro aumentou cerca de 9,7% de 2006 para 2010 (TABELA 1).

Dentre os estados brasileiros que tem apresentado maior produção de carne de frangos, chama-se a atenção para o Paraná, estado no qual o setor avícola, tem se destacado em meio aos diversos tipos de agroindústrias existentes. A avicultura paranaense no ano de 2010 foi responsável por 28,47% (SINDIAVIPAR, 2011) do total de frangos/cabeças abatidas em todo território brasileiro assim como por 26% da quantidade de carne de frangos exportadas no referido ano.

Ainda considerando os dados de produção e exportação do Paraná apresentados na tabela 1, é possível afirmar que a maior parte das cabeças abatidas é direcionada para exportação e que o volume de carne comercializada com outros países tem se mantido significativo a cada ano, pois, se em

Períodos	Frangos abatidos (kg) Brasil	Frangos abatidos (kg) Paraná	Exportação (kg) Brasil	Exportação (kg) Paraná	Consumo interno (kg/hab)
2010	4.668.500.094	1.328.856.258	3.826.764.174	1.001.536.891	45,4
2009	4.488.370.967	1.257.755.311	3.629.517.535	954.703.285	40,4
2008	4.571.410.272	1.222.123.962	3.455.864.512	915.414.503	39
2007	4.145.106.391	1.111.029.995	3.188.973.181	843.658.462	37,4
2006	3.796.498.287	1.011.344.959	2.740.972.269	751.248.285	35,7

Tabela 1 - Dados da avicultura brasileira e paranaense de 2006 a 2010.
Fonte: SINDIAVIPAR/2011. Organizado por Alan Alves Alievi em 2011.

2006 os empresários paranaenses exportaram 74% do total de frangos/cabeças abatidas em 2010, a quantidade exportada foi de 75%.

Como afirmado anteriormente, estes números são reflexos do contínuo aprimoramento técnico para criação de frangos, bem como das alterações sucessivas na relação social de subordinação dos criadores às agroindústrias, dentre outros. Sendo esse último aspecto viabilizado pela adoção do sistema integrado de produção.

No caso desse estudo, destacar-se-á a relação social de produção estabelecida entre industriais e pequenos proprietários de terras, objetivando refletir sobre a subordinação destes às agroindústrias, seja no sistema de integração com pequenos proprietários seja mesclando dois processos diferentes (integração e produção em aviários próprios da empresa).

Para a elaboração deste trabalho realizou-se entrevistas junto a pequenos proprietários integrados aos abatedouros Jaguafrangos e Avebom na cidade de Jaguapitã-PR, assim como utilizou-se de informações referentes as agroindústrias avícolas disponibilizadas no site do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná. O referencial teórico traduziu-se nas obras de Graziano da Silva (1998, 1999), Martins (1980), Oliveira (1981) e Sorj (1982). Inicialmente, discute-se sobre a expansão das avícolas no Paraná no contexto das transformações na agropecuária paranaense a partir da década de 1970, com destaque para o sistema de integração. Em seguida, aborda-se as relações sociais de produção estabelecidas pela Avebom e Jaguafrangos instaladas na cidade de Jaguapitã, no norte-paranaense.

A EXPANSÃO DAS AGROINDÚSTRIAS AVÍCOLAS NO PARANÁ

Em se tratando das agroindústrias avícolas paranaenses, é necessário pontuar que a presença e a atuação das mesmas está intimamente relacionada às transformações (alterações na propriedade da terra, nos produtos cultivados, no uso da terra, nas relações sociais de trabalho no campo, etc.) que passaram a ocorrer na agropecuária paranaense a partir da segunda metade do século XX. De acordo com a tabela 2, dentre as empresas associadas ao Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná, pode-se observar que no ano de 1960 já havia sido instalada a avícola Big Frango na cidade de Rolândia, seguida pela criação de outras dez empresas nas décadas de 1970 e de 1980, períodos em que ocorreram significativas mudanças no campo paranaense.

Considerando ainda os dados da tabela 2, percebe-se que nas duas décadas seguintes, 1990 e 2000, em meio à crescente adoção de medidas neoliberais no país, no estado do Paraná novas empresas foram criadas, totalizando quinze agroindústrias de frangos. Ainda que não se trate de objeto do nosso estudo, há que se chamar a atenção para a existência, nesse setor avícola, de capitais nacionais e até mesmo regionais, como a Jaguafrangos e Avebom; de cooperativos a exemplo da Coopavel, Copagrill, Cooperaves, Lar; assim como o capital estrangeiro que via aquisições e fusões em período recente passou a compor esse segmento avícola.

A espacialização dessas agroindústrias no Paraná (FIGURA 1) evidencia que a concentração significativa das mesmas ocorre nas porções norte e sudoeste do Estado. De forma resumida, dentre os fatores que

Período de instalação do abatedouro	Identificação da empresa	Localização do abatedouro	Sistema adotado
1 1960	Big Frango (Jandelle)	Rolândia	Sistema integrado
2 1970	Frango Seva	Pato Branco	Sistema integrado
3 1973 ^I	Tyson	Campo Mourão	Sistema integrado
4 1975 ^{II}	DaGranja	Lapa	Sistema integrado
5 1978	Diplomata	Capanema	Sistema integrado
6 1978	Sadia	Dois Vizinhos	Sistema integrado
7 1980 ^{III}	Copacol- Consolata	Cafelândia	Sistema integrado
8 1981	Coroaves	Maringá	Sistema integrado
9 1982	Sadia	Toledo	Sistema integrado
10 1985	Globoaves	Cascavel	Sistema integrado
11 1987	Pioneiro	Joaquim Távora	Sistema integrado
12 1991	Sadia	Francisco Beltrão	Sistema integrado
13 1992	Gonçalves & Tortola	Maringá	Sistema integrado
14 1992	Jaguafrangos	Jaguapitã	Sistema integrado + aviários próprios
15 1994	Coopavel	Cascavel	Sistema integrado
16 1995	Felipe	Paranavai	Sistema integrado
17 1997	Parati	Rondon	Sistema integrado
18 1997	Avenorte	Cianorte	Sistema integrado
19 1997	Coopervale - CVale	Palotina	Sistema integrado
20 1999	LAR (Cotrefal)	Matelândia	Sistema integrado
21 1999	Avebom	Jaguapitã	Sistema integrado
22 2000	Anhambi	Itapejara d'Oeste	Sistema integrado
23 2002	Frango D.M.	Arapongas	Sistema integrado
24 2005	Copagril	Mal. C. Rondon	Sistema integrado
25 2006	Cooperaves	Paraíso do Norte	Sistema integrado
26 2009 ^{IV}	BRF – Brasil Foods	Carambeí	Sistema integrado
27 2011 ^V	BR Frango	Santo Inácio	Sistema integrado + aviários próprios
28 n.d. ^{VI}	Seara Marfri Goup	Jacarezinho	n.d.
29 n.d.	Averama	Umuarama	n.d.
30 n.d.	Diplomata	Londrina	n.d.
31 n.d.	Diplomata	Mandirituba	n.d.

Tabela 2 - Empresas avícolas instaladas no Paraná e associadas junto ao Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná.

Fonte: SINDIAVIPAR, 2011. Organizado por Alan Alves Alievi em 2011.

Notas: I- No ano de 2008 a marca Macedo, que já havia se associado ao grupo Koerich em 1974, passou a fazer parte da companhia norte-americana Tyson Foods. II- Em 2008 o grupo Marfrig Group adquiriu a DaGranja. III- Foi instalada em 1963 a Cooperativa Agroindustrial Consolata para atender os agricultores associados. O complexo avícola foi instalado na década de 1980. IV- A BRF Brasil Foods (atual razão social da Perdigão) foi criada a partir da associação entre Perdigão e Sadia, anunciada em maio de 2009. V- Inauguração prevista para o quarto trimestre de 2011. VI- Essas unidades avícolas constam no site da Sindiavipar como associadas, mas não foi possível até o momento acesso às informações.

contribuíram para essa concentração, segundo Hespanhol (1990), pode-se destacar a expansão da soja nas propriedades rurais paranaenses a partir de 1970, ou seja, quando nesta década a produção foi de 368.006 toneladas, na década seguinte, 1980, a produção girou em torno de

5.400.192 toneladas, crescimento de 1.367,4%. Assim como o volume de produção, a área de cultivo também foi ampliada passando de 304.211 ha em 1970 para 2.410.000 ha em 1980, representando em termos de área ocupada por essa leguminosa um crescimento de 692,0%,

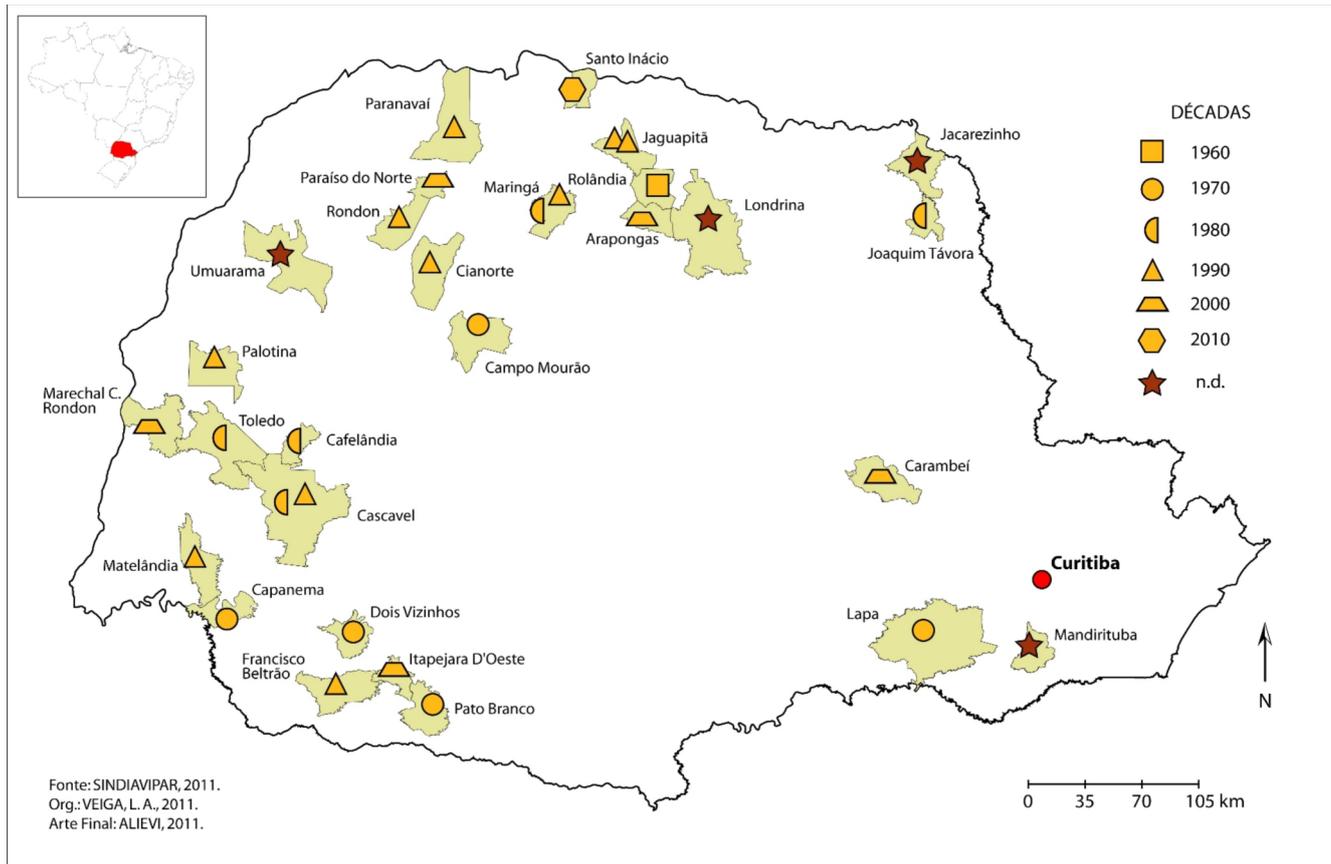


Figura 1 - Localização das agroindústrias avícolas no estado do Paraná.

segundo o referido autor. A partir da década de 1970, a cultura da soja no Paraná, passou a ser um produto representativo da modernização da base técnica da agricultura (FLEISCHFRESSER, 1988).

Nesse contexto de modernização tecnológica da agricultura há que se pontuar a importância do papel do Estado que, via crédito rural concedido pelo Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), criado em 1965 viabilizou, principalmente entre os médios e grandes proprietários, a aquisição de máquinas e implementos agrícolas assim como de fertilizantes, defensivos, sementes dentre outros insumos (FIGUEIREDO, 1992). Segundo Graziano da Silva (1999), esse sistema de crédito passou a ser fundamental para o financiamento dos maquinários e insumos necessários. Igualmente, Oliveira (1981, p. 12) afirma ser pertinente colocar que dentre todo o

empréstimo liberado pelo Banco do Brasil, em torno de 70%, acabou sendo direcionado para o consumo de produtos industriais, ressaltando que desse montante “[...] em média 15% do empréstimo tomado ao Banco do Brasil tem necessariamente que ser gasto em adubo”. Assim, o maior beneficiado é o industrial, pois, ao cobrar juros menores que os demais para a agricultura, o Estado (via Banco do Brasil) acaba por financiar e viabilizar a produção industrial, ainda que indiretamente. Além do sistema de financiamento, o Estado atuou na

[...] geração de tecnologia, ao fortalecer o sistema nacional de pesquisas agropecuárias através da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA) e na difusão de tecnologia, através da extensão rural. O Estado contribuiu ainda para a transformação das relações sociais de trabalho através de medidas como as leis trabalhistas

estendidas aos trabalhadores rurais e à criação do FUNRURAL integrado ao sistema INPS/INAMPS que contribuíram para as transformações do trabalhador permanente em trabalhador temporário (FRESCA, 1990, p. 90).

Dentre as regiões paranaenses que se beneficiaram dessa política creditícia, destaca-se o Oeste paranaense, que concentrou 67,5% do número de produtores que ingressaram no sistema de crédito em todo o estado no período de 1970 a 1975, de acordo com Figueiredo (1992).

A ação das cooperativas agrícolas fundadas nas décadas de 1960 e 1970 também foi muito importante, ao passo que as mesmas passaram a suprir a necessidade de infraestrutura e assistência técnica para a modernização das culturas de soja, trigo e milho, passando a partir de então a desempenharem um papel importante na produção de grãos no estado. Para Figueiredo (1992) essas cooperativas criadas a partir de 1960, tinham por função essencial a difusão do financiamento agrícola, o repasse do custeio e o fornecimento de insumos as propriedades rurais baseadas na cultura da soja. Paulatinamente, impulsionadas dentre outros fatores pela disponibilidade de matérias-primas essenciais para a fabricação de ração, pela adição de valor (integração vertical) e estratégia empresarial para incrementar seus faturamentos, essas cooperativas passaram a investir na implantação de complexos industriais avícolas. Para Bulhões (2007, p. 86) a produção de “[...] soja juntamente com o milho, faz parte de importante complexo de produção junto às agroindústrias (de ração, sementes, óleos vegetais e farelo, indústria de máquinas e equipamentos agrícolas, insumos etc.) e atividades criatórias”.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o espaço rural paranaense, mediante a ação desses e de outros complexos agroindustriais, a partir da década de 1970, “[...] se transformou num ramo de aplicação do capital em geral e, de modo particular, do capital industrial que lhe vende insumos e compra as mercadorias aí produzidas” (GRAZIANO DA SILVA, 1998, p. 04).

Nesse contexto de crescente subordinação do campo ao capital industrial, as agroindústrias avícolas passaram a adotar o sistema de integração com produtor rural, no qual a empresa integradora mediante um contrato garante a “[...] exclusividade na aquisição dos insumos por parte do produtor rural, ao padrão tecnológico e manejo a ser posto em prática sob orientação e assistência técnica da empresa, a exclusividade e garantia da produção agropecuária por parte da empresa integradora” (SORJ, 1982, p. 41). Nesse sistema, ao pequeno produtor integrado, além da propriedade, cabe o fornecimento da mão-de-obra e a disponibilização do capital para construção e manutenção dos aviários (por isso da importância do financiamento visto que o investimento é alto).

Além da definição do papel da empresa e do integrado, no contrato de integração também fica claro a forma como será calculado o preço das aves entregues para a agroindústria, calculado a partir da seguinte fórmula que define a eficiência de produção.

$$\frac{\text{Viabilidade (\%)} \times \text{peso médio (Kg)} \times 100}{\text{Conversão alimentar} \times \text{dias de criação}}$$

Em se tratando da fórmula acima a viabilidade é o percentual de sobrevivência do referido lote; o peso médio é o número

expresso em quilogramas que representa o peso de cada ave ao final do lote; a conversão alimentar é o número expresso em quilogramas que representa a quantidade de ração que foi necessária para a produção de cada quilo do peso total das aves - o fator máximo de conversão alimentar admitido tecnicamente tem sido de 2,0 quilos por Kg de aves terminadas-; por último tem-se os dias de criação, número obtido pela somatória de dias de criação a contar da data do alojamento das aves até o dia da retirada total para o abate deste mesmo lote. É importante pontuar que diante dessa fórmula o produtor rural não consegue argumentar no momento da venda, acaba aceitando a classificação dada e conseqüentemente o preço pago por cada ave pela agroindústria. É o momento que a empresa obtém seu lucro, pois há um mecanismo velado na fórmula imposta pela agroindústria ao qual o produtor não consegue apreender devido à falta de capacitação técnica e científica.

O capital industrial, representado pelas agroindústrias, diferentemente de sua atuação em outros momentos, passa a ver na preservação da propriedade familiar uma forma de evitar a mobilização de capital para a compra de terras. Isso porque a permanência do pequeno produtor no campo é mais vantajosa para o capitalista, que encontra na sujeição da renda da terra uma maneira vantajosa de auferir lucros. Segundo Martins apud Oliveira (1981, p. 8) uma das formas de sujeição da renda da terra ao capital seria a subordinação da produção do tipo camponês. Fato constatado na atuação das agroindústrias de frangos, que através do sistema de integração subordina a produção à circulação e nesse processo de subordinação da mão-de-

obra familiar vai monopolizando o território (OLIVEIRA, 1981).

Ao sujeitar a renda da terra ao capital, a agroindústria faz com que o pequeno produtor dono da terra não receba a renda, que passa a ser absorvida por outros segmentos, a partir do momento em que ocorre: 1- a intensificação das relações comerciais (onde os representantes do capital comercial absorvem a renda diferencial da terra), 2- ação do Estado (através do crédito bancário via juros que drena parte da renda da terra), 3- ação do capital comercial (que fica com a maior parte da renda da terra e de parte do lucro médio) (OLIVEIRA, 1981). O que os pequenos produtores tem recebido no final de cada safra de frango é o dinheiro oriundo de seu trabalho na atividade integrada.

Essa captura da renda da terra pelo capitalista pode ser maior a partir do momento que as agroindústrias começam a conciliar o sistema de integração com a produção em aviários próprios construídos em estabelecimentos rurais de propriedade do industrial, isso porque os industriais passam a extrair renda da terra quer pela subordinação do trabalho familiar nas pequenas propriedades, quer pela unificação das personagens (capitalista e proprietário) nas grandes propriedades (OLIVEIRA, 1981, p. 9).

Este processo, que abrange boa parte do território brasileiro, demonstra maior força na região Sul do país e, no caso específico de que trata este trabalho, o estado do Paraná é um representante com relativa importância no setor. Posto desta forma, dentre as empresas instaladas no Paraná, nesse estudo os levantamentos de campo ficaram restritos ao norte-paranaense, com visitas e entrevistas junto a integrados de duas agroindústrias avícolas localizadas na cidade de Jaguapitã: a

Avebom e a Jaguafrangos. A primeira tem desenvolvido apenas a integração junto aos pequenos proprietários de terras, já a segunda empresa tem buscado conciliar o sistema de integração com aviários próprios (FIGURA 2).

Essas duas agroindústrias avícolas criadas a partir da iniciativa de agentes sociais locais foram instaladas na cidade na década de 1990. A instalação da primeira, a Jaguafrangos, ocorreu em 1992, tendo como proprietários agentes sociais, que antes desse período residiam no município de Guaraci-PR e atuavam como intermediários, comprando frangos dos produtores locais e revendendo para agroindústrias avícolas da região. Para a construção das primeiras instalações, o capital investido foi oriundo de recursos familiares. A segunda agroindústria, a Avebom foi instalada em 1999, por iniciativa de três industriais de mesas para bilhar e um proprietário rural, que se uniram em sociedade com o intuito de investir recursos disponíveis a partir de suas

atividades. Além disso, ambas as empresas também receberam apoio da Prefeitura local. Ambas utilizam o sistema integrado de produção, porém a Jaguafrangos também faz uso de aviários próprios.

AS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO ESTABELECIDAS PELA AVEBOM E JAGUAFRANGOS

A respeito das relações sociais de produção da matéria-prima, constatou-se durante os levantamentos de campo que enquanto uma dessas empresas, no caso a Avebom, adotou somente o sistema de integração a outra, a Jaguafrangos, tem conciliado os dois sistemas (a integração e a produção em aviários próprios). Essas duas empresas avícolas têm integrados em 18 municípios no norte-paranaense (FIGURA 3) e todo o trabalho nos aviários tem sido determinado pelas prescrições externas das empresas que passaram a estruturar o ritmo e



Figura 2 - Localização das agroindústrias Jaguafrangos (A) e Avebom (B) as margens da rodovia PR 340 na cidade de Jaguapitã-PR.

Fonte: Google Earth. Organizado por Alan Alves Alievi em 2011.

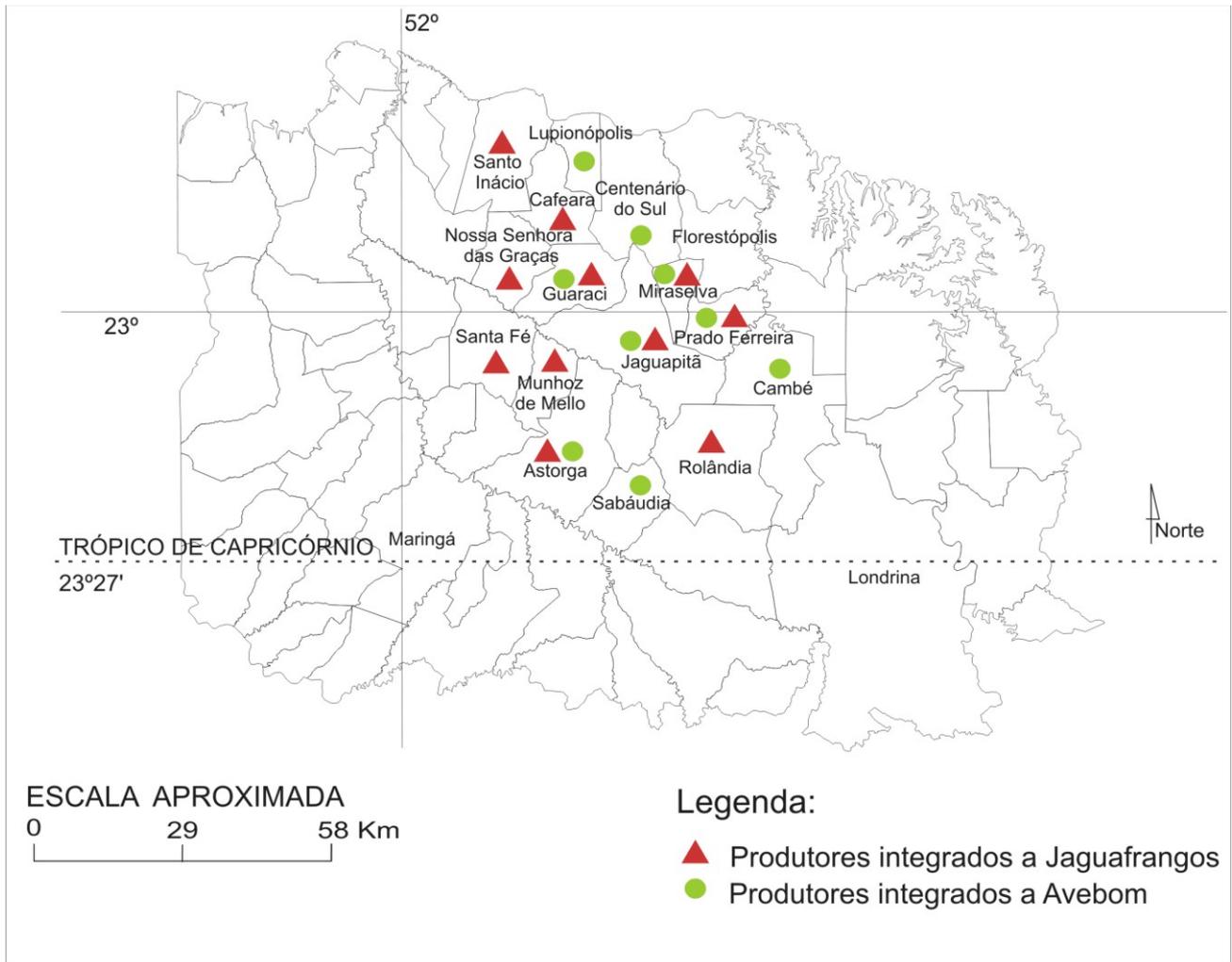


Figura 3 - Localização dos produtores integrados a Jaguafrangos e Avebom.
Fonte: Levantamento de campo. Organizado por Alan Alves Alievi em 2011.

as tarefas da atividade produtiva, prescrevendo o que fazer, quando fazer, enfim, como fazer todas as tarefas de forma mais sistematizada (SORJ, 1982), permanecendo porém, todos [...] os porquês das prescrições técnicas desconhecidos para o trabalhador rural, que, no fundamental, segue as indicações dos técnicos, sob pena de produzir resultados econômicos insatisfatórios” (SORJ, 1982, p. 62).

Em linhas gerais esses produtores integrados são pequenos proprietários rurais com experiência na agricultura ou na pecuária leiteira, que passaram a empregar a mão-de-obra familiar também na avicultura. No caso da Jaguafrangos esses integrados estão concentrados em 10 (dez) municípios além de

Jaguapitã, enquanto os integrados da agroindústria Avebom estão concentrados em 09 (nove) municípios incluso Jaguapitã. A distância média das propriedades integradas em relação aos abatedouros gira em torno de 30 a 40 Km da empresa, evidenciando a preocupação do industrial em minimizar os custos relacionados ao transporte da matéria-prima, bem como as visitas dos técnicos às propriedades, entre outros.

Em se tratando do sistema de integração, durante as entrevistas junto a pequenos proprietários integrados, percebeu-se que a rotina de trabalho nos aviários em linhas gerais é semelhante entre os criadores integrados, que seguem ritmos de trabalho parecidos e cumprem prescrições técnicas similares. É uma

rotina de muito serviço, pois “[...] o delicado material genético com que trabalha, além da racionalização no uso dos insumos (quantidade certa distribuída em períodos prefixados), determinam que o ritmo do trabalho e sua distribuição estejam em grande parte fora do controle do produtor” (SORJ, 1982, p. 62).

Dentre as atividades realizadas durante uma safra de frangos que pode variar de 40 a 45 dias, o criador cuida das aves no sentido de não deixar faltar alimento e água, de manter a temperatura do ambiente, de ministrar a dosagem correta de vacina ou medicação prescrita pelo técnico da empresa, de retirar aves mortas, assim como de proceder com outras ações não só dentro dos aviários, mas também nos arredores dos mesmos, como a capina, por exemplo. Além disso, nas duas semanas após a entrega dos frangos à agroindústria, os criadores realizam a limpeza do aviário e preparam o ambiente para receber os pintainhos, sendo mais desgastante para o integrado (segundo os entrevistados) a retirada da palha e a limpeza do chão. Todo esse trabalho é realizado com mão-de-obra familiar, excetuando-se o dia de entrega para a agroindústria, esse trabalho de “apanhe” e embarque das aves é realizado por funcionários da própria empresa. Mesmo naqueles estabelecimentos rurais que o proprietário se dedica a outras atividades urbanas, a mão-de-obra assalariada empregada nos aviários é familiar.

Ainda durante os levantamentos de campo foi possível verificar que uma quantidade significativa de pequenos produtores integrados não tem tido condições financeiras para empregar equipamentos modernos em seus aviários, utilizando apenas

os equipamentos mínimos exigidos como o forro, o sistema de aquecimento a lenha (automático), ventiladores, aparelho para borrifar água em dias quentes, além de comedouros e bebedouros que demandam intenso trabalho manual. Apenas uma parcela pequena de produtores integrados possui aviários automatizados, com alto nível de tecnologia.

A agroindústria Jaguafrangos, além do sistema integrado, tem investido na construção de aviários próprios, modernos e totalmente automatizados e climatizados, superiores aos demais integrados pois foram construídos e equipados com um alto nível de tecnologia. Esses aviários da empresa estão localizados em uma propriedade rural próxima a PR-340 (FIGURA 4) e têm um rígido controle de entrada de pessoas assim como é adotado o processo de desinfecção na entrada dos veículos.

O trabalho nos aviários é realizado por famílias contratadas pela empresa e são instaladas em residências construídas nas proximidades dos aviários. Segundo conversas informais, uma família consegue cuidar de três ou quatro aviários pois os mesmos demandam pouca mão-de-obra. Sob os cuidados de mão-de-obra familiar assalariada, o produto final desses aviários da empresa, quando comparado aos dos demais integrados, tem sido muito superior em relação a qualidade, sendo destinado principalmente para a exportação.

Além da Jaguafrangos, outra agroindústria no norte-paranaense, a BR Frango, em construção às margens da PR 463 (KM 70) no município de Santo Inácio e com a data de inauguração prevista para o quarto trimestre de 2011, tem sinalizado para a adoção



Figura 4 - Imagem de satélite dos aviários próprios da Jaguafrangos (A1 e A2) nas proximidades do posto da polícia rodoviária (B) na PR-340.

Fonte: Google Earth. Organizado por Alan Alves Alievi em 2011.

do sistema integrado conciliado com aviários próprios. Segundo informações disponibilizadas no site da empresa, a BR Frango já tem cadastrado produtores rurais dispersos em 26 municípios do norte-paranaense que irão produzir no sistema de integração. Além disso, a empresa também está construindo e equipando com alta tecnologia os aviários próprios numa única propriedade rural. Esses aviários da BR Frango ficarão isolados (cercamento) após a construção e terão um rigoroso controle de acesso de pessoas e de desinfecção na entrada de veículos (BR Frango, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A par do que foi colocado sobre as relações sociais de trabalho estabelecidas entre pequenos produtores e empresas avícolas, pode-se dizer que as agroindústria de frangos, por meio do sistema de integração, têm subordinado a produção à circulação e nesse

processo de subordinação da mão-de-obra familiar vai monopolizando o território (OLIVEIRA, 1981). Porém ao introduzir, paralelo ao sistema de integração, a produção em aviários construídos pela própria empresa, a ação desses capitalistas vai além da monopolização do território, posto que os mesmos estejam sinalizando para a territorialização do capital. Outra questão importante, nesse caso, é a pressão sobre produtores do sistema integrado, visto que as empresas tendem a aumentar a cobrança no sentido de produtividade, as exigências em relação ao trabalho e cuidado com os frangos nos aviários dos produtores integrados são maiores.

Essa subordinação do pequeno produtor é negativa sob o ponto de vista da perda da renda da terra, pois uma parte é drenada para o Estado (via financiamento) e outra (maior ainda) é transferida ao capital industrial. A análise da situação financeira do pequeno

produtor levando em consideração apenas os aviários - sem computar a renda oriunda de outras atividades como criação de porcos, gado leiteiro, agricultura, etc-, deixa claro que essa atividade não é rentável para o integrado em função do trabalho familiar utilizado e dos custos da produção.

Sobre o Estado, além do que já foi colocado anteriormente sobre o seu papel nesse processo de expansão da avicultura, é importante colocar que embora tenha avançado na questão do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) incluindo grupos antes marginalizados, ainda deixa muito a desejar principalmente quando se trata do valor liberado para os pequenos. Durante o relato dos entrevistados ficou perceptível que tem sido muito complicado para esses pequenos proprietários de terras o acesso a financiamentos significativos via PRONAF seja para investirem em outra atividade seja para melhorarem os aviários, principalmente pelo fato do montante do dinheiro a ser liberado na maioria das vezes estar condicionado ao tamanho da propriedade. Na prática, o que geralmente muitos pequenos proprietários integrados tem conseguido é o mínimo, inviabilizando assim a instalação de aviários modernos e permitindo apenas a construção de aviários modestos e a instalação de equipamentos básicos que demandam trabalho intensivo, comprometendo toda a mão-de-obra familiar disponível, que poderia estar sendo empregada em outros fins.

No entanto, é importante colocar que no seu cotidiano o produtor integrado em geral não percebe todo esse processo, ao passo que o mesmo se encontra em situação semelhante ao que escreve Martins (1980, p. 19) “[...] ele

conhece o nome do seu opressor [...] mas seus olhos estão velados pela autonomia do trabalho, pela sua solidão. A exploração que o alcança não é direta, tem muitas mediações, por isso cria também a ilusão da liberdade em quem já é profundamente escravo”. Ainda é possível dizer que quando “[...] o trabalhador é proprietário dos meios de produção [...] esse processo atinge o fruto do seu trabalho, mas não o atinge diretamente” (MARTINS, 1980, p. 15).

NOTAS

ⁱ A pesquisa recebeu apoio da Fundação Araucária, PR.

ⁱⁱ Geógrafa; Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

E-mail: lveiga.geo@gmail.com

ⁱⁱⁱ Geógrafo; Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E-mail: akalan@gmail.com

REFERÊNCIAS

BR Frango, 2011. Disponível em : <<http://www.brfrango.com.br/>>. Acesso em: jun./2011.

BULHÕES, R. *Limites e possibilidades para a expansão da cultura da soja no Paraná*. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas-SP. 2007, 173 f.

FIGUEIREDO, A. H. de. Crédito rural e mudança tecnológica no oeste do Paraná. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 54, abr./jun. 1992, pp. 83-117.

FLEISCHFRESSER, V. *Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 1970*. Curitiba:

Livraria do Chain: CONCITEC: IPARDES, 1988.

FRESCA, T. M. *A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista*. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC. 1990, 282 f.

GRAZIANO DA SILVA, J. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. *Tecnologia e Agricultura familiar*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

HESPANHOL, A. N. *O binômio soja/trigo na modernização da agricultura do Paraná: o caso dos municípios de Ubitatã, Campina da Lagoa e Nova Cantu*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP. 1990, 223 f.

IBGE. *Censo Demográfico – Paraná*. 2010.

Disponível em :
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/default_resultados_dou.shtm>. Acesso em: mar. 2011.

MARTINS, J. de S. *Expropriação & violência: a questão política no campo*. São Paulo: Hucitec, 1980.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Agricultura e indústria no Brasil. Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, AGB, n.58, 1981.

SINDIAVIPAR. *Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná*. Disponível em: <<http://www.sindiavipar.com.br>>. Acesso em: maio/2011.

SORJ, Bernardo (et al). *Camponeses e Agroindústria: transformação social e representação política na avicultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.